

à população. Abordagens como a feita são momentos oportunos para orientações e fortalecimento dos programas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.091>

EP-030

EXPOSIÇÃO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CUIABÁ



Gabriela Belmonte Dorileo, Kleriene Vilela G. Souza, Thalyta C. Santos Serra, Rincler David Nascimento Souza, Gabriel Lopes Lisboa, Clayton O. Beloni, Letícia Rossetto S. Cavalcante

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 8 - Horário: 10:37-10:42 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: As infecções sexualmente transmissíveis (IST) são doenças preveníveis e com alta morbimortalidade. Nos últimos anos essas doenças têm se expandido entre os jovens. A exemplo disso, a sífilis adquirida aumentou sua taxa de detecção em mais de 20 vezes quando comparados 2010 e 2016 e a faixa com maior aumento foi de 13-19 anos.

Objetivo: Mensurar a exposição dos adolescentes de Cuiabá às IST.

Metodologia: Estudo descritivo, feito em agosto de 2018, com 243 adolescentes de uma escola da rede pública de Cuiabá. Foi usado como ferramenta de coleta de dados um questionário autoaplicável e não identificável. Foram avaliadas variáveis referentes às características demográficas, ao comportamento sexual e ao uso de preservativo. Foi feita ainda educação em saúde com os alunos.

Resultado: Os escolares cursavam entre o primeiro ano do ensino médio e o terceiro ano, com faixa entre 14 e 20 anos. Os adolescentes masculinos compunham 52,7% (n = 128) da amostra e femininos 47,3% (n = 115). Dentre os escolares, 64,1% afirmaram ter vida sexual ativa, 58% são jovens do sexo masculino e 42% do feminino. Dentre aqueles que têm vida sexual ativa, 34,2% afirmam usar preservativo em todas as relações sexuais, 56,8% afirmam usar preservativo às vezes e 9% disseram nunca usar. Observou-se maioria dos meninos entre os que usam preservativo sempre (58,4%) e entre os que usam às vezes (59%). Entre as meninas que afirmaram ter vida sexual ativa, a proporção de quem não usa camisinha (10,7%) é maior do que entre os meninos (7,7%) que afirmam ter vida sexual ativa. Após o questionário, foi feita educação em saúde com os adolescentes, momento no qual foi ressaltada a importância do uso do preservativo em todos os tipos de relações sexuais, e foram passadas para os alunos as consequências que a prática do sexo desprotegido pode gerar. Percebeu-se que os alunos tinham muitas dúvidas referentes a prática do sexo protegido, principalmente quanto à possibilidade de adquirirem uma IST sexo anal e oral sem preservativo e quanto ao anticoncepcional que alguns acreditavam funcionar como medida de prevenção para as IST.

Discussão/conclusão: Os dados colhidos mostram que a maioria já tem vida sexual ativa, especialmente entre os meninos, e que a quantidade de meninas que não usa preservativo é maior. Por fim, ficou clara a necessidade de campanhas que promovam um diálogo com os jovens, a fim de sanar suas dúvidas e promover saúde.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.092>

EP-031

CONHECIMENTO E VULNERABILIDADE DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS



Tatiane Mota Silva, Barbara Jacqueline Peres Barbosa

Universidade Paulista (Unip), São Paulo, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 8 - Horário: 10:44-10:49 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) ainda são motivo de preocupação, independentemente da localização geográfica em questão. Essas podem culminar em graves complicações, como infertilidade, aborto, infecções congênitas, além de facilitar a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana/síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV/Aids). Essas patologias representam grandes desafios para a saúde, merecem destaque devido ao seu alto potencial de disseminação.

Objetivo: Avaliar o conhecimento de adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação às IST/HIV/Aids.

Metodologia: Foi feita uma pesquisa científica pelo método da revisão da literatura, aplicou-se a análise integrativa sobre o conhecimento e a vulnerabilidade dos adolescentes em relação às infecções sexualmente transmissíveis.

Resultado: Os resultados demonstraram que IST/HIV/Aids não são totalmente desconhecidos pelos adolescentes, a Aids a doença mais citada. No entanto, houve desconhecimento em relação às formas de transmissão. A maioria desconhece a possibilidade de infecção por meio do sexo oral, transmissão vertical e por meio do leite materno. Referente à cura e ao tratamento, a maioria relatou ter conhecimento ou já ouviu falar em estratégias que diminuem os sinais clínicos da Aids. Os adolescentes reconhecem o uso do preservativo como principal método de prevenção contra as IST, mas alguns artigos revelaram a existência de adolescentes que acreditam que a higiene após o ato sexual, os relacionamentos monogâmicos e o uso do anticoncepcional oral pode se constituir em um meio de prevenção contra as IST. A prevenção é identificada pelos jovens como um elemento fundamental na prática sexual. No entanto, abdicam dela a partir do momento em que sentem confiança no parceiro. Outra questão levantada é a diferença de gênero no diz respeito à adoção do preservativo, uma vez que as mulheres confiam na fidelidade do parceiro sexual e têm dificuldade de solicitar o uso. Já os homens não o usam devido a razões relacionadas ao prazer sexual. Assim, a confiança assume um papel importante na ausência de comportamento preventivo, especialmente entre as mulheres, que substituem o preservativo pela crença na fidelidade.

Discussão/conclusão: É importante o desenvolvimento de políticas, campanhas e programas de orientação sexual nas escolas, que estejam voltadas para a saúde integral do adolescente, de modo a proporcionar conhecimento adequado sobre IST/HIV/Aids e os comportamentos preventivos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.093>

EP-032

DISTRIBUIÇÃO DA TITULAÇÃO DO VDRL EM RECÉM-NASCIDOS COM SÍFILIS CONGÊNITA EM RELAÇÃO AO VDRL DA GESTANTE

Mônica Taminato, Cristiano Leonardo O. Dias

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 8 - Horário: 10:51-10:56 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: A sífilis congênita (SC), doença infecciosa causada pela bactéria *Treponema pallidum*, de transmissão vertical da gestante/feto, é um problema de saúde pública. O manejo da SC é de fácil prevenção e tratamento, com protocolo bem estabelecido e assistência ao pré-natal de qualidade.

Objetivo: Descrever a distribuição da titulação do *Venereal Disease Research Laboratory* (VDRL) em recém-nascidos com SC em relação às gestantes com sífilis em município da região Norte de Minas Gerais.

Metodologia: Estudo descritivo, retrospectivo, com abordagem quantitativa. A coleta de dados foi feita em junho de 2018 no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) do município estudado. Foram notificados 57 casos de sífilis congênita em 2017. As variáveis avaliadas: idade, etnia/cor, escolaridade, diagnóstico de sífilis materna e titulação do VDRL da mãe e da criança. Parecer 2.645.902. A análise descritiva foi feita com o SPSS 20.0.

Resultado: Na variável idade da mãe, a idade mínima encontrada foi de 15 anos e máxima de 37, com média de 22,5 anos (DP: 5,41). Em relação à etnia/cor da pele, 84,6% declararam a cor parda. Em escolaridade, 18 mulheres (31,6%) tinham estudado até o ensino médio incompleto, 22,8% tinham o ensino médio completo e apenas 1,8% com ensino superior completo. O diagnóstico da sífilis materna ocorreu durante o pré-natal em 46 (80,7%) casos de SC notificados e com 17,5% dos diagnósticos de sífilis feitos no momento do parto/curetagem. Na mãe o valor mínimo de titulação foi 1:1 e máximo de 1:512, o valor mínimo e o máximo na criança foram 1:1 e 1:32 respectivamente. A distribuição da titulação para mãe: 1:1 (8,2%), 1:2 (14,3%), 1:4 (4,1%), 1:8 (28,6%) e titulação maior do que 1:8 foram 44,9% dos casos. Em relação à titulação do VDRL para a criança, os resultados foram: 1:1 (8,2%), 1:2 (20,4%), 1:4 (24,4%), 1:8 (26,5%) com 20,4% como titulação superior a 1:8.

Discussão/conclusão: Estudo feito em gestantes com baixos títulos e confrontado com testes treponêmicos demonstrou que o VDRL usado como *screening* tem alta concordância com testes confirmatórios, mesmo na presença de baixos títulos (1:1), evidenciou-se alto significado na predição para sífilis congênita. Verificou-se uma grande variação na titulação do VDRL para mãe e o RN, apontou

para um problema no diagnóstico da sífilis na gestação que compromete os neonatos e aumento da incidência de SC. O presente estudo aponta um dos focos para ações de reciclagem, prevenção e controle para o manejo da SC.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.094>

Área: DOENÇAS EMERGENTES E REEMERGENTES/MEDICINA TROPICAL

Sessão: CASOS CLÍNICOS

EP-033

DOR NEUROPÁTICA E REICIDIVA EM HANSENÍASE – RELATO DE CASO

Kleriene Vilela Gomes Souza^{a,b}, Leticia Rosetto da Silva Cavalcante^{a,b}, Ana Maria Coelho Bezerra Martins^{a,b}

^a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil

^b Hospital Universitário Júlio Müller (HJUM), Cuiabá, MT, Brasil

Data: 18/10/2018 – Sala: TV 9 – Horário: 10:30–10:35 – Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: Define-se como recidiva todos os casos de hanseníase, tratados regularmente com esquemas oficiais padronizados e corretamente indicados, que receberam alta por cura e que voltam a apresentar novos sinais e sintomas clínicos de doença infecciosa ativa.

Objetivo: Alertar sobre a importância de uma anamnese minuciosa e detalhada, da escuta atenta à história do paciente para diagnosticá-lo corretamente.

Metodologia: Paciente masculino, 37 anos, branco, solteiro, afastado do trabalho pelas sequelas de hanseníase, compareceu ao “Mutirão para o tratamento de dor na hanseníase” no Hospital Universitário Júlio Müller em abril de 2018 e relatou ter sido diagnosticado com hanseníase multibacilar havia 24 meses, ter aderido ao tratamento medicamentoso PQT rimfampicina, clorofazimina, dapsona havia dois anos e um mês e não obtivera cura, foi recomendado pelo seu médico iniciar um novo tratamento, negava qualquer contato com parentes ou pessoas portadoras de hanseníase. Ao exame físico, paciente com hipostesia na porção anterior dos antebraços e nos membros inferiores na região tibial anterior esquerda e direita e parestesia nas panturrilhas e ombros, lesões nodulares múltiplas e disseminadas. Aplicado o questionário DN4, paciente com dor neuropática, assinalou SIM para queimação, frio doloroso, choque elétrico, formigamento, alfinetada/agulhada, adormecimento, coceira, hipostesia ao toque, hipostesia a picada de agulha, totalizou no score DN4 7/10. No fim da consulta é explicado a ele que provavelmente tinha uma recidiva, visto que aderira corretamente ao tratamento duas vezes. Com isso, o paciente relatou morar com um irmão usuário de drogas ilícitas diagnosticado com hanseníase que não seguia corretamente o tratamento PQT, presumível diagnóstico de recidiva.

Discussão/conclusão: Apesar do correto diagnóstico, muitas vezes deixa-se de lado o rastreamento adequado dos contactantes para hanseníase, que deve ser feito logo após a